

BINÓCULOS PARA ESPIAR LAGOA BRANCA: EFEITOS DE REAL EM OS TAMBORES SILENCIOSOS

Priscila Finger do PRADO[©]

Considerações iniciais

O que apreciamos numa obra literária, segundo Todorov (1993, p. 119), é a verossimilhança e não a verdade. A essa verossimilhança com a realidade Todorov denomina *efeito de verdade*, *efeito de real*. Essa distinção é necessária, porque a ligação entre a literatura e a realidade é tensa, de modo que, se não podemos negar que essa relação se mantém na feitura/leitura de uma obra de ficção, também não podemos afirmar seu conteúdo em termos de realidade. Assim, sendo a literatura a arte da palavra para a construção de sentidos, é com efeitos que devemos trabalhar, até porque o referente imediato da literatura tende a ser a própria literatura e as convenções da cultura e da concepção do fazer literário que se mantém epocalmente.

Outro motivo para nos utilizarmos da expressão “efeito de real”, ao invés de *realismo*, por exemplo, seria a abrangência que o segundo termo alcança dentre os estudos literários. O *realismo* na literatura pode remeter tanto a um estilo de época específico, constituído no século XIX, como ainda a uma convenção formal, através da qual a realidade se mostra apreensível aos sentidos. Essa segunda acepção do termo *realismo* constituiria, para Ian Watt (1996, p.12), a característica distintiva entre o romance e as formas narrativas anteriores, de modo que, de uma forma ou de outra, o romance estaria sempre imbricado com certa orientação realista, buscando-a das mais diversas formas.

A caracterização das personagens é um dos efeitos de real correntes no universo do romance. A personagem do romance, além de apresentar aproximações com o gênero humano, pode possuir peculiaridades que a distingam, como nome próprio, endereço e profissão. Também contribui para o

realismo no romance a especificação espaço-temporal do universo da ficção, que aproxima datas e lugares do romance às épocas e aos ambientes do mundo empírico. Ainda outros aspectos narrativos podem contribuir para intensificar a impressão de real que uma narrativa proporciona, como o emaranhado entre história e História no romance; a motivação psicológica das personagens; a redundância como fixadora da motivação do enredo; a focalização no romance; o detalhamento das ações ou dos espaços da narrativa, incluindo a menção descritiva de objetos; a ocultação ou justificativa da origem da história; entre outros^[1].

A descrição sobre o lugar do *realismo* no romance é-nos importante, porque a narrativa que escolhemos para análise possui um interessante vínculo com a realidade do autoritarismo no Brasil. Segundo Regina Zilberman (1982, p.101), o romance de Josué Guimarães, **Os tambores silenciosos** (1979), destaca-se pela reflexão sobre a atualidade política brasileira da década de 30, além de usar o espaço de tempo citado, para aludir ao estado político contemporâneo à sua publicação, ou seja, a ditadura militar brasileira, que reinou na vida política do país durante um período aproximado de vinte anos.

A ficção de Josué Guimarães, escritor e jornalista nascido no estado do Rio Grande do Sul, é permeada pelo olhar crítico à realidade brasileira. Crítica essa que se faz presente em **Os tambores silenciosos** (1977). Sobre a obra do autor, é possível reiterar ainda o interesse pela história gaúcha e brasileira, que integra a sua trilogia inacabada **A ferro e fogo** (1972-I/1975-II), bastante citada pela crítica especializada, por buscar desenvolver traços do início da imigração alemã no Rio Grande do Sul; bem como outras narrativas como **Camilo Mortágua** (1980) e **É tarde para saber** (1977).

Feitas as discussões preliminares, partiremos para a análise da obra escolhida, **Os tambores silenciosos**, a fim de demonstrar alguns elementos do romance que proporcionam efeitos de real, atendo-nos principalmente à constituição do narrador e de seus focos narrativos.

Binóculos para observar Lagoa Branca

O romance de Josué Guimarães, intitulado **Os tambores silenciosos**, traz já no título menção a um momento específico da política brasileira: trata-se

do Integralismo, movimento político tradicionalista, surgido em Portugal, no início do século XX, sustentado pelos princípios da ordem e da hierarquia. A corrente integralista no Brasil teve forte influência, durante o período em que Getúlio Vargas esteve no poder pela primeira vez (1930-1945), sendo encabeçada por Plínio Salgado, e possuindo como características o “sigma”, a saudação “anauê”, o uniforme (camisa verde), o lema “Deus, Pátria e Família”, além de alguns rituais, como a “Noite dos Tambores Silenciosos”^[2].

A narrativa de **Os tambores silenciosos** se passa na semana da pátria de 1936, na fictícia cidade de Lagoa Branca, localizada, possivelmente, entre as cidades gaúchas de Cruz Alta e Passo Fundo. O enredo do romance se divide sob a forma de capítulos subdivididos, os quais registram os dias da semana que antecedem o sete de setembro, incluindo o dia da independência. A história gira em torno do plano de governo do prefeito da cidade, o Coronel João Cândido, que pretende instaurar a paz aos moradores do município, ao cortar-lhes o acesso a meios que pudessem subverter sua tranquilidade, como rádios ou jornais. A trama se complica, devido ao fato de seus assessores diretos passarem a tomar decisões sem consultá-lo, o que resulta numa onda de violência que toma conta da cidade e aterroriza a população. O povo de Lagoa Branca passa então a se mostrar descontente com o governo de prefeito e, com isso, o tão esperado dia da pátria é boicotado, levando o governante às raias da loucura e da morte.

É interessante destacar que a história tem um narrador observador que, no entanto, mostra-se onisciente quanto ao saber sobre os acontecimentos e personagens. Esse narrador utiliza-se, na maioria das vezes, do foco narrativo advindo do núcleo das irmãs Pillar, personagens que observam o andamento da cidade, através do binóculo herdado do pai. O núcleo das irmãs Pillar é ainda intrigante pela presença da irmã mais nova das sete solteironas, que parece concentrar muitos dos elementos insólitos da narrativa.

Podemos identificar como personagens principais da ação narrada o prefeito Coronel João Cândido Braga Jardim, o Capitão Ernesto Salgado, o inspetor Paulinho Cassales e o Dr. Lúcio Machado, além das irmãs Pillar. O romance traz ainda uma quantidade bastante significativa de personagens que agem menos na narrativa, ou que somente são citadas pelo narrador por suas posições, relações ou feitos. Essa hierarquia na constituição das personagens

pode ser observada tanto pelo espaço reservado a cada uma na ficção como um todo, como o poder de voz que elas alcançam em diálogos entre personagens. Assim, se o prefeito João Candido atua em todos os capítulos do romance, a personagem do farmacêutico Augusto Brasil, por exemplo, é citada apenas como presença na missa de domingo ou no palanque do desfile da independência.

A partir desse ponto, podemos destacar da narrativa de **Os tambores silenciosos** alguns elementos que dão ao texto a impressão de real, como a especificação temporal do universo romanesco, que coincide com elementos da realidade brasileira, ou seja, a narrativa se passa em 1936, data em que estavam à frente dos governos estadual e federal, respectivamente, o General João Antônio Flores da Cunha e o presidente Getúlio Vargas. Tais autoridades são citadas, principalmente pelo discurso do prefeito de Lagoa Branca, que possui intimidade com nomes de envolvidos nas revoluções que moveram os gaúchos, bem como com nomes de governantes do estado e do país: “[...] um momento, como costuma dizer o nosso General Flores da Cunha, quando um burro fala o outro murcha as orelhas” (1979, p.44).

Outro elemento que aproxima o universo da narrativa ao mundo empírico é a especificação espacial do romance. Embora o município de Lagoa Branca não tenha correspondente no território sulino, ao qual é vinculado, seus arredores mantém esses correspondentes: “[...] coronel, eu estava falando dessas estradas fora das nossas fronteiras, as de Cruz Alta, Passo Fundo, e isso sem falar nas que vão para Rio Pardo ou Taquari” (1979, p.42).

A caracterização das personagens também contribui para o efeito de real advindo do romance, já que possuem nome sobrenome, profissão e endereço:

1	“[Maria Celeste] focava um pedaço da plataforma da estação da Viação
2	Férrea, do outro lado da cidade – numa linha invisível que passava por cima
3	dos telhados das casas do sacristão João da Lagoa, do Vereador Paulino Paim, um pouco à direita do quiosque do Santelmo Pires” (1979, p.1).

Dentre as caracterizações espaço-temporais no romance e as descrições das personagens, inclui-se a relação entre História e história ficcional. Na narrativa, são apontados elementos que refletem aspectos da realidade

brasileira, da qual o romance toma como ponto-de-partida, através de referências a personagens e feitos históricos, bem como a objetos e instituições. Assim, na primeira página de **Os tambores silenciosos**, temos referência aos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*; na segunda e terceira páginas, há menção aos nomes de Gumercindo Saraiva, personalidade da Revolução Federalista, e Pinheiro Machado, governador substituto do Rio Grande do Sul, por volta das primeiras décadas do século XX^[3]. As referências são abundantes por todo o desenvolvimento do romance, de modo que ainda aparecem alusões a romances de Érico Veríssimo (p.6); aos chocolates Neugebauer (p.7); à rádio Gaúcha (p.7); a Benito Mussolini, ditador italiano (p.14); ao romance de Dyonélio Machado, **Os ratos** (p.28); entre outras.

Quanto ao modo como a narrativa é construída, percebemos que também aqui temos um elemento que dá impressão de real, já que embora não haja justificativa para a origem da história, o próprio fato dessa ausência justifica a narrativa, que se apresenta como um discurso “sério”, organizado por um narrador desconhecido enquanto personagem, mas que conhece cada uma das personagens do romance, podendo dissertar sobre cada uma delas. O narrador deste romance de Josué Guimarães, como já mencionado, parte da observação das irmãs Pillar ao binóculo, as quais também tecem comentários sobre os acontecimentos de Lagoa Branca, muitas vezes emprestando olhos e voz ao narrador oficial.

Para exemplificar nossa afirmação, quanto ao empréstimo do foco narrativo do narrador a uma das seis irmãs que costumam sentar junto à janela de casa, para observar o movimento da cidade com o binóculo, trazemos um fragmento do primeiro capítulo do romance, denominado *Dia 1º - Terça-feira*:

1 Maria Celeste estava acomodada na sentadeira da sua janela predileta, os
2 cotovelos cravados no peitoril de madeira carcomida, as mãos segurando
3 firme o binóculo que havia sido de seu pai Juvêncio Pillar e que agora focava
4 um pedaço da paltforma da estação da Viação Férrea, do outro lado da
5 cidade [...].
6 -- O trem acaba de chegar – disse Maria Celeste para as irmãs – seu Valério
7 já deu de mão nos amarrados do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias* e
8 o sabujo do Paulinho Cassales trata de carregar os jornais para o Ford da
9 Prefeitura e assim ninguém mais lê jornal desta terra e além disso lá se foi
o nosso rádio *Polyson* da *Crosley* e como diabo vão a gente saber das
coisas em esses decretos do Coronel João Cândido? (1979, p.1).

É possível notar, nesse fragmento, a predominância do foco narrativo próprio ao narrador na primeira parte (l.1-4), quando é descrita a situação de observância de Maria Celeste, uma das seis irmãs que se revezam ao binóculo. O narrador identifica-lhe a posição ao sentar-se à janela, a procedência do objeto de observação da realidade lagoense (binóculo) e mesmo o foco do binóculo, no momento narrado: “o outro lado da cidade”. Já na segunda parte (l.5-9), embora o narrador também se faça presente, ele empresta olhos à observadora do binóculo, que relata o que vê. É interessante que, se quando assume seu posto de narrador integralmente adjetiva pouco seu discurso, buscando uma posição de objetividade, quando se alia ao relato de Maria Celeste, o narrador se permite julgar a situação narrada, e não só apresentá-la. No trecho em que a irmã relata aquilo que observa pelo binóculo, acaba por qualificar o que vê, denunciando a ideologia que marca a leitura do texto: as pessoas aceitam os desmandos do prefeito, mas não concordam com tais, por sentirem falta das informações e do entretenimento proporcionados pelos jornais e pela rádio.

Além disso, o assessor do prefeito, o inspetor Paulinho Cassales, é qualificado pela narradora-observadora como “sajujo”, termo usado para designar “cão de caça grossa” ou “bajulador”. Assim, com a primeira descrição que nos é dada do inspetor Paulinho, destaca-se a imagem que será construída

ao longo da narrativa, por seus atos e por sua “lealdade” ao prefeito . Nota-se que essa adjetivação é dada pelo discurso de Maria Celeste, mas que o discurso da irmã Pillar é “controlado” pelo do narrador, como se pode verificar pela expressão “disse Maria Celeste para as irmãs”, situada entre a fala da irmã observadora.

O esquema da narração de **Os tambores silenciosos** é repetido durante todos os inícios de capítulos: primeiramente, o narrador situa o objeto narrado, para depois emprestar o foco e a opinião para a irmã que estiver em seu turno para a observância da cidade, através do binóculo. Porém, como se pode notar, o foco narrativo pertencente às irmãs, quando estas se encontram à janela para avistarem o movimento citadino, é bastante reduzido, de modo que para adentrar ambientes e expor diálogos, o narrador deve vestir sua onisciência, a fim de que determinadas cenas sejam apresentadas ao leitor, como no momento do suicídio do prefeito de Lagoa Branca, no qual não há observador que tenha acesso à cena:

1 Acendeu a luz, correu para junto da parede onde haviam caído os bichos,
2 pegou num deles, arrancou as penas, rasgou os panos que cobriam a
3 armação de arame, começou a rir, tirava chumaços de algodão e de lã,
4 depois jogou tudo longe, recarregou a arma, sentou-se na cadeira atrás da
mesinha, apoiou a culatra no chão de tijolos, enfiou os dois canos na boca
e comprimiu os gatilhos (1979, p.214).

O último quesito que corrobora para o efeito de real advindo da leitura do texto é a reiteração dos processos já citados. Durante a narração, vários elementos epocais são repetidos tanto pela voz do narrador, quanto pela voz das personagens, quando em discurso direto. As fronteiras do município de Lagoa Branca são várias vezes mencionadas, como quando o prefeito ordena aos seus subalternos a expulsão dos mendigos da cidade, durante a semana da pátria. Os heróis das revoluções passadas do território sulino também são reiterados com insistência, principalmente nos discursos das irmãs Pillar e do Coronel João Cândido. No quinto capítulo, é descrita com detalhes a cerimônia da “Noite dos Tambores Silenciosos” dos jovens da Ação Integralista, bem como são descritas

detalhadamente as cerimônias religiosas da cidade de Lagoa Branca, que se compõem de três credos diferentes: a religião católica, a evangélica e a espírita.

Por tudo isso, se havíamos proposto uma análise dos elementos que proporcionavam à leitura de **Os tambores silenciosos** efeitos de realidade, por aproximações entre o universo da narrativa e o mundo empírico, pudemos perceber que esses elementos abundam na obra de Josué Guimarães, de modo que até a repetição desses elementos contribui para uma impressão de realidade à narrativa. Também pudemos observar que apesar de o narrador do romance ser onisciente, quando emprestava o foco para as irmãs Pillar espiarem a cidade, acabava por se possibilitar a demonstração da ideologia do texto pela opinião das irmãs observadoras, favorecendo o nível de liberdade na qual o leitor poder se movimentar para interpretar a obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GUIMARÃES, Josué. **Os tambores silenciosos**. Porto Alegre: Globo, 1979.

MINIDICIONÁRIO AURÉLIO. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

TODOROV, Tzvetan. *Ficción y realidad*. In. **Las morales de la historia**. Barcelona: APidós, 1993.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

© Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Email: priscilletras@yahoo.com.br

[1] REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

[2] Disponível em:
http://www.integralismonosul.net/o_integralismo/historia e
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Integralismo>. Acesso em 05/07/2008.

[3] Disponível em: <http://assisbrasil.org/governador.html> . Acesso em 16/07/2008